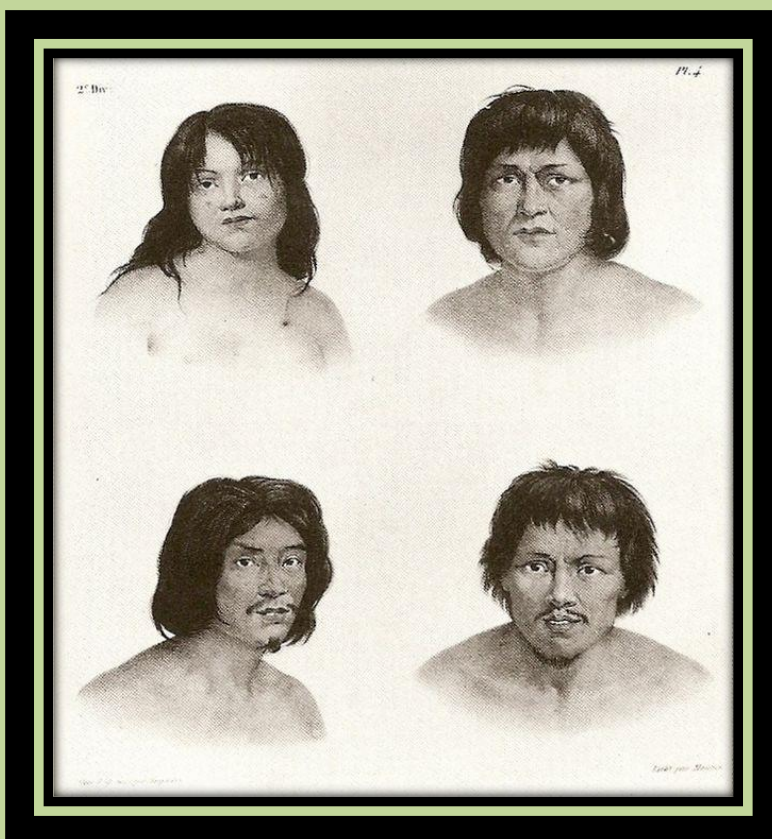


OS PURIS - OS PRIMEIROS HABITANTES DE TIMBURIBÁ (RESENDE ATUAL) E SEU ALDEAMENTO EM SÃO LUIZ BELTRÃO (NA FUMAÇA)



Vet Cel Eng Cláudio Moreira Bento
Historiador e Pensador militar
Memorialista e Jornalista
Fundador da ARDHIS



LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen Renê com orientação do autor.

SUMÁRIO

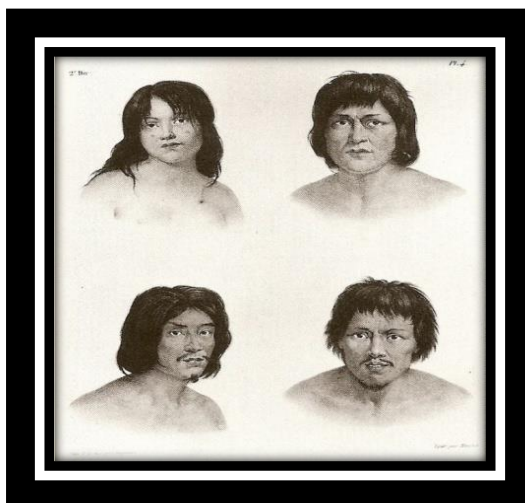
CARACTERÍSTICAS DOS PURIS	2
O TIMBURIBÁ A ÁRVORE QUE ORIGINOU A LENDAS DO ALTO DOS PASSOS..	3
TIMBURIBÁ A ÁRVORE DOS GAMBÁS	4
A LENDA RESENDENSE DO TIMBURIBÁ	4
O TIMBURIBÁ DO ALTO DOS PASSOS	5
O DESCOBRIMENTO E DESCOBRIDORES DE RESENDE c 1744 A BANDEIRA DE CUNHA GAGO DA ALAGOA – AO SERTÃO DO CAMPO ALEGRE.....	6
PRIMEIROS TEMPOS DA PARAÍBA NOVA	7
O CRIADOR DA VILA E MUNICÍPIO DE RESENDE EM 1801	8
O INSTALADOR DO MUNICÍPIO E VILA DE RESENDE EM 29 SET 1801, BISNETO DO CAÇADOR DE ESMERALDAS	10
OS PURIS NA WIKIPÉDIA A ENCICLOPÉDIA LIVRE	12
DR JOÃO DE AZEVEDO CARNEIRO MAIA (1820-1902) O PATRONO DA ACADEMIA RESENDENSE DE HISTÓRIA(ARDHIS)	14
CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO ...	19

OS PURIS – PRIMITIVOS HABITANTES DE TIMBURIBÁ (RESENDE ATUAL) e o SEU ALDEAMENTO EM SÃO LUIZ BELTRÃO (NA FUMAÇA)

CARACTERÍSTICAS DOS PURIS

Resende era habitada pelos índios Puris, entre a Serra da Mantiqueira e o Vale do Paraíba. Eles descendiam dos Koropós e dos Goitacases de Campos. Sua língua pertencia ao Grupo Macro - jê. Com abertura das terras de Resende ao povoamento, em razão do término da abertura em 1875, do Caminho Novo (a atual antiga estrada) ligando São Paulo ao Rio, os Puris se embrenharam nas matas da Serra da Mantiqueira, onde foram alcançados pelo Ciclo do Café que teve início aqui em Resende, na região da Fumaça, onde foi introduzido a cultura do café pelo padre Couto e dali se espalharia pelo Brasil.

Os Puris viveram na região cerca de 300 anos sem serem molestados pelo branco e somente por seus ferozes e tradicionais inimigos, os Botocudos, vindos do lado mineiro da Serra da Mantiqueira.



Os Puris viviam da caça nas matas, da coleta de frutas, em especial do pinhão e da pesca abundante no rio Paraíba. Itens que constituíam a base de sua alimentação. Pouco plantavam. Residiam em cabanas provisórias de efêmera duração, pois eram nômades. Usavam tangas e pintavam de vermelho seus corpos pequenos e bronzeados. Acreditavam na alma imortal, razão pela qual colocavam nos túmulos dos mortos uma escada para que subissem ao céu. O seu nome Puris tinha o sentido de **gente mansa ou tímida** e para outros **gente miúda**. Eram polígamos. Faziam suas camas no solo, após ligeira escavação, a qual, com o tempo, ficava lustrosa com o suor e gordura de seus corpos. Usavam a taioaba, a imbira, a taquara e o bambú. Gostavam da dança e eram hábeis no uso do bodoque, um arco para lançar pedras e não setas, na caça e na guerra. Não revelavam ferocidade. Segundo a tradição, no Alto dos Passos existiu uma árvore que eles conheciam como Timburibá, a qual era avistado de longe e que foi o primitivo nome de Resende – Timburibá.

TIMBURIBÁ – A ÁRVORE QUE ORIGINOU A LENDA

Resende tem o privilégio de contar com duas lendas indígenas originárias dos Puris, primitivos habitantes da região: a lenda da Pedra Sonora e a do Timburibá.

Escrita pelo historiador e jurista João Maia, a **Lenda do Timburibá** está registrada em seu livro “Do Descobrimento do Campo Alegre à Criação da Vila de Resende”. Para escrevê-la, o autor certamente colheu elementos com os Puris com quem conviveu, como por exemplo, o índio centenário e popular Vitoriano Santará, que morreu cultuando as tradições de seus antepassados, na Santa Casa, em 1862, e também com outros Puris que em 1840 somavam 635 em Resende.

A árvore timburibá, que deu origem à lenda, existiu realmente no Alto dos Passos, no local próximo à atual capela do Senhor dos Passos. Tratava-se de uma árvore alta e imponente, de copa majestosa, possuindo seu tronco dois metros de diâmetro. Era o primeiro sinal de Resende, visto à distância.

Durante muitos e muitos anos, o velho timburibá foi poupado em toda sua majestade e imponência pelos machados dos povoadores brancos de Resende, que passaram a admirá-lo e a vê-lo como um distintivo da vila. Na sua sombra amiga diversas gerações resendenses, por mais de um século, passavam os domingos em reuniões festivas, alegres e fraternais.

Conta-se que o único inconveniente do velho timburibá é que sempre abrigou em suas entranhas gerações de gambás, que por longos anos infernizaram os galinheiros da vizinhança.

O secular e lendário timburibá do Alto dos Passos tombou para sempre num dia de 1874. A notícia encheu de tristeza toda a cidade. Então jovens resendenses reuniram-se para uma sentida e derradeira homenagem ao velho timburibá. Tendo à frente a fanfarra Esmeralda, dirigiram-se ao Alto dos Passos para o adeus ao gigante que tombara.

Tal foi a impressão e projeção da centenária árvore na alma da comunidade resendense, que foi dado o nome de “Timburibá” a uma rua no Centro da cidade (próxima à rua do Rosário); e também a um importante jornal local, editado por Alfredo Sodré, de 1881 a 1936.

Foi junto da árvore timburibá que o padre José Marques da Mota - fundador do primeiro jornal de Resende e do sul fluminense, o “Gênio

Brasileiro" - erigiu, em 1827, a capela do Senhor dos Passos, com recursos da iniciativa privada e em terreno doado pelo ten. Domingos Gomes Jardim.

TIMBURIBÁ - ÁRVORE DO GAMBÁS

Timburibá é palavra indígena, derivada de "Timbuhyba", que significa "árvore dos gambás". Tratado sobre botânica refere a "timbuhyba" como "madeira venenosa da família das leguminosas, que possui o cerne amarelo acetinado e é empregada em construções, sendo encontrada no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Ceará".

Pesquisando em antigos documentos, descobriu-se que o nome primitivo de Resende era "Timburibá", assim batizada pelos índios puris que aqui habitavam. Ao que parece, era parte do ritual dos puris adorarem árvores imponentes no cimo de morros, e se reunirem em torno das mesmas para seus rituais tribais. Em Resende isso se dava em torno do timburibá do Alto dos Passos. Município dar um galho de timburibá a alguém, seguindo a tradição dos puris, deveria ser entendido como um gesto de amizade, fraternidade e um convite à concórdia, ao entendimento e à paz, galhos do Timburibá eram usados também como veneno para pescar, à semelhança do timbó. A lenda da resendense do Timburibá. Esta circunstância inspirou o historiador Dr João Maia a escrever a lenda do Timburibá que mais tarde sintetizamos na **Revista ARDHIS** em 1998 e que assim simplifico:

Ao que parece, era parte do ritual dos puris adorarem árvores imponentes.

O texto a seguir é uma síntese do integral, interpretado e complementado por nós e a jornalista de A Lyra, Virgínia Calais Arbex, a partir do original de João Maia, que foi publicado e divulgado com apoio do acadêmico da ARDHIS o Cel Professor Antônio Carlos Esteves, da Associação Educacional Dom Bosco, para ser distribuído nas escolas do Município.

A LENDA RESENDENSE DO TIMBURIBÁ UMA TRÁGICA HISTÓRIA DE AMOR

A Lenda do Timburibá e a saga dos índios Puris na origem de Resende.

Antes da chegada do homem branco para povoar as terras do atual município de Resende, vivia no sopé da serra da Mantiqueira, para os lados da Vargem Grande, um grupo de índios Puris, cujo cacique era o velho e alquebrado Poju. O índio Tabara, jovem e valoroso guerreiro, passou a ambicionar o posto de cacique da tribo, e também a filha de Poju, a bela Jacyra, com quem queria se casar.

O velho cacique Poju, percebendo a dupla ambição de Tabara, tramou sua morte com outro bravo guerreiro, chamado Imburé, ao qual destinara a mão de sua filha.

Jacyra, que amava Tabara, percebendo a trama mortal, sabotou o cordão do arco do guerreiro rival, Imburé. Quando este defrontou-se com Tabara, ao estirar seu arco para disparar a flexa, este arrebentou, dando oportunidade para Tabara fulminá-lo com certa e mortal seta em seu coração.

Tabara reuniu um grupo de guerreiros para depor o cacique Poju. Quando ia acesa e viva a luta, Jacyra se interpôs entre os guerreiros empunhando um ramo da árvore timburibá, que era o sinal de rendição.

Encerrada a luta, Tabara e Jacyra, com um grupo de guerreiros puris e suas mulheres, deixaram a taba e partiram para formar outro grupo independente. Deslocaram-se para a margem esquerda do rio Paraíba, atravessaram-no em canoas e estabeleceram nova taba no alto de um morro (onde hoje é o Alto dos Passos).

Ali, Jacyra plantou o ramo de timburibá, com o qual fizera Tabara e Poju chegarem à paz. O timburibá cresceu rápido por interferência do espírito do bem e da paz. À sombra dele, o casal Tabara-Jacyra passou a residir. Era também sob a árvore que a pequena tribo puri se reunia para os cerimoniais tribais e confraternizações.

Havia na tribo uma índia chamada Ingaíba que amava Tabara e pretendeu separá-lo de sua mulher. Para isso, conspirou com o espírito do mal, para fazer crer a Tabara que sua Jacyra estava traindo-o com seu melhor amigo, o guerreiro Potiá.

Sem nada averiguar, Tabara secretamente matou Potiá e deixou que uma onça canguçu bebesse seu sangue, em uma gruta do maciço do Itatiaia, onde abandonou o corpo de Potiá.

Imaginando que o filho no ventre de Jacyra fosse de Potiá, Tabara fez com que a esposa bebesse, sem o saber, um chá abortivo. Duas horas depois, Jacyra abortou o filho e, ao contemplá-lo, Tabara nele viu seus traços fisionômicos.

Quando sepultava o filho sob o Timburibá, Tabara perguntou à Jacyra: - "Tu amas Potiá?" Ao que Jacyra respondeu: - "Não! Ele vem aqui porque é teu amigo, e sai triste quando não te encontra". Foi então que Tabara confessou à Jacyra que matara Potiá.

O guerreiro convidou a esposa para consultarem o espírito do bem, que se esconde sob a Pedra Sonora (localizada na atual Serrinha). Este revelou toda a trama da invejosa Ingaíba com Anhangá, o espírito do mal, para separar o casal.

Jacyra perdoou Ingaíba, mas foi tomada de imensa tristeza e começou a definhar. Certa noite, quando Tabara saiu para uma longa excursão, Jacyra apanhou uma pequena cabaça com veneno e tomou-o de um só gole, junto ao tronco do timburibá, onde caiu morta, abraçada na sepultura de seu filho.

Ao regressar e encontrar a esposa morta, Tabara foi tomado de grande desespero e tentou o suicídio, batendo a cabeça no tronco do timburibá, até o desmaio. Refeito, sepultou Jacyra ao lado do filho. Antes de cobrir o corpo da esposa com terra, fez sangrar seu peito com a ponta de uma seta e deixou o sangue jorrar sobre o corpo de Jacyra. Com as mãos postas, murmurou soluçando estas palavras de pedido de perdão:

- "Jacyra, eu te suplico, perdoa os meus erros como perdoaste a malvada Ingaíba. Lava com meu sangue a injúria que fiz à tua inocência!"

Em seguida ao sepultamento, Tabara disparou a correr alucinado. Por muito tempo amargou seus remorsos. Um dia foi encontrado morto no rio Paraíba. Os guerreiros puris que liderava o sepultaram ao lado de Jacyra e do seu filho, à sombra do velho Timburibá plantado por Jacyra.

O TIMBURIBÁ DO ALTO DOS PASSOS

O Timburibá que fala a lenda existiu no Alto dos Passos e por cerca de um século diversas gerações de resendenses ali, aos domingos, realizavam

reuniões festivas e piqueniques a sua sombra amiga. Era uma árvore imponente, frondosa com um tronco de mais de 2 metros de diâmetro. Ao tombar num dia de 1874, por velhice, causou consternação geral em Resende. E a juventude resendense entristecida foi cantar, acompanhado da fanfarra Esmeralda, a última seresta ao lado do gigante que tombara e ao qual se devia o primeiro nome de Resende –Timburibá, em razão de ao tempo dos Puris ser avistada ao longe e balizar a localização da hoje cidade de Resende. Em Resende antiga distinguir alguém com um galho de Timburibá, seguindo a tradição puri, devia ser entendido com um gesto de amizade e um convite ao entendimento e à paz. Timbuybá significa árvore dos gambás (timbús). Era usada pelos Puris, a semelhança do timbó, para pescar, pelo seu poder de tontear os peixes, tornando-os presa fácil à captura. Os rituais dos Puris eram celebrados a sombra de árvores frondosas usadas como se um templo natural fossem.

O DESCOBRIMENTO E DESCOBRIDORES DE RESENDE c 1744 **A bandeira de Cunha Gago da Alagoa – ao Sertão do Campo Alegre**

Os descobridores de Resende, então Sertão do Campo Alegre, em c1744 foram o Ten Cel de Infantaria do Terço de Ordenanças de Mogi das Cruzes e Jacaré Simão da Cunha Gago e o padre português Felipe Teixeira Pinto, vigário de de Ayruoca-MG. Eles partiram da Alagoa, localidade de Ayruoca, onde estava residindo a Cunha Gago. E a frente de uma Bandeira, descobriram Resende que batizaram com o sonoro e poético nome de **N.S .Senhora da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova**, para distingui-la da atual Paraíba do Sul por onde passava o Caminho Novo ligando Rio-Minas.

Cunha Gago era filho de Mogi das Cruzes. Nasceu c.1690. Foi uma das mais representativas personalidades locais. Ali fora juiz, major(1728) e ten cel (1739) de Ordenanças e casou em 1713, com Ana Pimenta de Abreu.

O padre Felipe fora vigário de Ayruoca. Celebrou a 1ª missa em Resende, no atual Bairro de Campos Elísios, na margem esquerda do Paraíba, a vista da corredeira defronte a atual rua padre Manoel dos Anjos. E permaneceu em Resende por cerca de 20 anos, sendo 18 anos como seu cura e depois vigário da freguesia criada em 2 jan 1757 e, até falecer em 9 jul 1765 em Resende onde foi sepultado. Foi ele que alicerçou a comunidade resendense. Cunha Gago que ao que se sabe só comandou a bandeira. E desapareceu nos registros históricos, que não conseguimos com Itamar Bopp resgatá-los, em que pesem esforços que a seu pedido realizamos como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, em todos os locais possíveis e imagináveis. Sabe-se pelo historiador Rinaldo Maia Souto autor de **São José do Barreiro** (1959), que Cunha Gago residiu naquela área e seus filhos atuaram em Resende.

O descobrimento de Resende e a sua incorporação ao processo civilizatório brasileiro, após 244 do Descobrimento do Brasil, foi uma empresa da **Espada** e da **Cruz**, coerente com o ideal político português de **Dilatar a Fé e o Império** e tão presente e vivo em os **Luziadas** de Camões, o poeta soldado.

Até hoje se desconhecem as razões das motivações para a descoberta de Resende. Penso tratar-se da tentativa de abertura de um caminho alternativo ao Caminho Novo (Rio-Paraíba do Sul -Minas) para escoar o ouro de Minas sem passar pelo Caminho Velho (Rio-Parati-Cunha-Guará-Minas). E, principalmente o ouro de Cuiabá, sem passar por São Paulo, sujeito a ataques de piratas entre Santos - Rio. Enfim, são considerações a espera de novos documentos que as neguem ou as comprovem. Tenho para mim que o batismo de Resende de Paraíba Nova se deva a algum acordo de Cunha Gago com o fundador de Paraíba do Sul, o bandeirante Garcia Rodrigues, filho do bandeirante Fernão Dias Pais e avô do Cel Fernando Dias Pais Leme da Câmara, donatário de Resende que abordaremos adiante.

PRIMEIROS TEMPOS DA PARAÍBA NOVA O administrador recordista de Resende 1767-89

Resende como freguesia N. S. da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova foi administrada de 1767-89, por 22 anos, pelo 2º vigário local, o padre Henrique José de Carvalho. Ele construiu a 1ª igreja matriz, onde esta sepultado, e nela introduziu a imagem de N.S. da Conceição trazida por Simão da Cunha Gago. N.S da Conceição era padroeira do Exército de Portugal e o seria do Exército Imperial do Brasil 1822-89.

O padre Carvalho defendeu com determinação e bravura os interesses dos resendenses ameaçados por interesses rivais dos moradores de Lorena e São João Marcos (esta hoje sob águas da represa do Ribeirão das Lages). E sob o enfoque de defensor de Resende é que interpretei sua obra com apoio em fontes, pró e contra, nas obras do dr João Maia , Itamar Bopp e Paulo P. Reis (vide ao final em **Como estudar a história de Resende**) e todas à consideração da posteridade, para um julgamento sereno e justo deste injustiçado, caluniado e esquecido lutador e construtor de Resende .

O padre Henrique por 22 anos administrou Resende diretamente subordinado ao Governo de São Paulo e, portanto foi a autoridade máxima do local. Distribuiu terras com certificados de propriedade reconhecidos, a migrantes que vieram para o Sertão do Campo Alegre recém incorporado ao processo civilizatório do Brasil. Tudo com a condição de abrirem e conservarem caminhos passando pela testada de suas propriedades demandando o Rio e São Paulo e outros destinos. Protegeu os Puris de abusos de parte de fazendeiros!

Resende e a abertura do Caminho Novo - Rio São Paulo

O padre empenhou os resendenses para que o Caminho Novo entre Rio e São Paulo para escoar o ouro de Cuiabá, em segurança, passasse por Resende. Assim hospedou e alimentou por largos períodos trabalhadores enviados de Lorena para a construção sonhada passagem da estrada por Resende. Data da então criação de Santana dos Tocos como acampamento

dos construtores do desvio do Caminho Novo por Resende. Interesses das rivais Lorena e São João Marcos fizeram o Caminho Novo passar por Bananal. Sentindo-se esbulhado, o padre Henrique desligou-se do governo de São Paulo e ligou-se direto ao vice rei no Rio, o que facilitou cerca de 10 anos mais tarde a criação de Resende. Isto explica a Resende fluminense. O Caminho Novo São Paulo – Rio foi aberto em 1785, deixando Resende a margem. E para Resende teve lugar intensa migração de mineiros o que explica a expressão:

“Resende, terra fluminense povoada por mineiros que vivem como paulistas.”

A ferrovia passando por Resende em 1873, a ligação Resende - Riachuelo, a então moderna e antiga rodovia Rio - São Paulo, em 1928, e a construção da Dutra em 1950, compensaram os sonhos esbulhados do padre Henrique e de seus paroquianos resendenses, um século antes. **História é verdade e justiça! Verdade** o historiador está restabelecendo. **Justiça** compete aos resendenses e em especial aos resendenses bicentões descendentes dos paroquianos do padre Henrique, cujos interesses em 1875 que ele defendeu bravamente.

A primeira força militar em Resende para expulsar os Botocudos e o Aldeamento dos Puris em São Luiz Beltrão pelo Cap Inf Joaquin Xavier Curado

Em 1788, com o concurso do Capitão de Infantaria Joaquim Xavier Curado, enviado pelo vice-rei em socorro dos resendenses, foram organizados militarmente os moradores e fazendeiros para expulsar da margem esquerda do Paraíba índios Botocudos que estavam talando fazendas e maltratando os Puris. Devolvida a paz, com a expulsão dos Botocudos, o Capitão Curado fundou na Fumaça a aldeia Puri de São Luiz Beltrão (homenagem ao vice-rei D. Luiz). E ali reuniu os Puris, distribuiu terras aos mesmos numa pioneira Reforma Agrária. Ao Curado estaria reservado importante papel. Pois, como marechal ele liderou o esquema vitorioso de apoio militar ao príncipe D. Pedro, no Dia do Fico.

O CRIADOR DA VILA E MUNICÍPIO DE RESENDE EM 1801

O criador da vila e município de Resende desmembrado do Rio de Janeiro, capital da Colônia, a que a freguesia de **N. S. da Conceição do Campo Alegre da Paraíba Nova** estava vinculada, foi o 13º vice rei do Brasil e 2º Conde de Resende, ao ordenar em 24 jun 1799, ao Juiz de Fora, a criação de uma vila no Campo Alegre (atual Resende) em consequência de interesses convergentes do Donatário de Honra Cel Fernão Dias Pais Leme da Câmara e, de cerca de 100 vizinhos pioneiros resendenses, **“para evitarem os prejuízos da grande distância da cidade do Rio de Janeiro onde deviam tratar seus interesses administrativos”**. Em 20 set 1801 o Conde de Resende ordenou

ao Ouvidor da Comarca do Rio de Janeiro que se deslocasse até Resende atual, com o seu Donatário Cel Fernão e instalasse a **Vila Nova** e município, respeitando todas as formalidades legais. Instalação solene que teve lugar em 29 set 1801, na atual Praça do Centenário, data consagrada como aniversário do município de Resende, bicentenário em 2001.

O Ten Gen D. José Luiz de Castro, 2º conde de Resende, 13º Vice-Rei e Capitão General do Brasil, o governou de 1790-1801, por cerca de 11 anos, tendo ao final comandado, no mais alto nível, a Guerra de 1801, da qual resultou expressivo aumento do nosso território, com a incorporação dos Sete Povos das Missões, o território gaúcho entre os rios Piratini e Jaguarão, o município de Santa Vitória do Palmar, o sul de Mato Grosso e expressiva fração do Amapá. Só este fato o imortaliza na História do Brasil. Ele nasceu no ano do descobrimento de Resende. Fundou, em 19 dez 1792, na Casa do Trem, (atual Museu Histórico Nacional) no Rio, aniversário da rainha D. Maria I, afastada do governo por demência, a **Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho**, fato que o consagrou como – **O fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil**.

Real Academia destinada a formar no Brasil oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e de Engenheiros e engenheiros civis. Academia que depois de cerca de 18 anos de funcionamento, foi substituída na mesma Casa do Trem pela **Academia Real Militar**, criada em 1810 pelo príncipe regente D. João, sob cuja égide fora fundada a **Real Academia** do Conde de Resende em 1792. A **Real Academia** formou oficiais para o Brasil e a **Academia Real** que a substituiu aproveitando suas instalações e infra-estrutura, destinou-se a formar oficiais para o grande Reino de Portugal, cuja sede foi no Brasil de 1808-21, por 13 anos.

Hoje em Resende, como historiador, vejo com apoio documental, reunidas duas realizações marcantes do conde de Resende: A primeira, a **Academia Militar das Agulhas Negras**, que possui como antecessora e sua mais profunda raiz acadêmica militar histórica, a Real Academia criada pelo Conde de Resende. E a segunda realização: o município e a vila (hoje cidade) de Resende por ele criada em 24 jun 1799 e por ele mandada instalar em 20 set 1801, como Vila Nova .

O conde de Resende vinha sendo esquecido e quase desconhecido em Resende e, diria, vítima e um grande injustiçado pela “**Estória**”. Em 1992 o resgatamos para a **História**, em pesquisa publicada na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, alusiva ao Bicentenário da Inconfidência no Rio e Minas. E o adotamos como nosso patrono na Academia Resendense de Históriaa ARDHIS, da qual fomos o seu fundador em 1992, 30 anos. E o focalizamos em discurso, como orador convidado, em sessão solene da Câmara no aniversário de Resende em 1992. Câmara que com apoio em nossa pesquisa resgatou o Conde de Resende da **Estória** para a **História**, com a criação da Comenda Conde de Resende que muito justamente foi

concedida a autoridades que concorreram expressivamente para a instalação em Resende da Fábrica de Caminhões da Volkswagen. Conseguimos trazer para Resende foto de pintura do Conde de Resende, cuja esfinge consta da citada comenda. **História é verdade e justiça!** O historiador resgatou a **verdade histórica** e os resendenses através de seus representantes na Câmara fizeram a **justiça**, comprovando a afirmação de um filósofo condenado a morte por haver afirmado que a terra era redonda e se movia. Disse aos que o condenaram antes de ser executado, reafirmando suas convicções: **“A verdade é filha dos tempos e não da autoridade!”**

O INSTALADOR DO MUNICÍPIO E VILA DE RESENDE EM 29 SET 1801 **O donatário de Honra de Resende em 1801- bisneto do Caçador de Esmeraldas**

Em 29 set 1801, compareceu a cerimônia de instalação da vila e município de Resende, na atual praça do centenário, vindo desde sua fazenda em Japeri, transportado em rede, por doente e impossibilitado de calvagar, o Donatário Honorário de Resende, Guarda Mór Geral e coronel comandante de um Regimento de Auxiliares no Rio de Janeiro - Fernando Dias Pais Leme da Câmara, bisneto e neto dos bandeirantes exploradores do Vale do Paraíba - Fernão Dias “O Caçador de Esmeraldas” imortalizado em poema de Olavo Bilac e seu filho Garcia Rodrigues Pais que o acompanhara na busca de esmeraldas e que com a morte do pai levou o que pensaram ser Esmeraldas à Câmara de São Paulo. Garcia Rodrigues fora quem abriu o Caminho Novo Rio - Minas para escoar o ouro das Minas Gerais e que fundou Paraíba do Sul. Pelos relevantes serviços prestados à Coroa de Portugal inclusive, haver salvo o Tesouro do Rio de Janeiro quando da invasão do corsário Duclerc em 1711 e o colocado sob sua proteção, o Alvará de 16 set 1715 concedeu-lhe o direito de levantar uma vila numa das passagens do rio Paraíba. Quando Resende já possuía cerca de 9 anos de povoamento, por Alvará de 1753, Pedro Dias Leme, filho de Garcia Rodrigues, herdou do pai o direito de fundar uma vila em passagem do Paraíba o qual transmitiu-se, em 1786, ao seu filho Cel Fernando, como Donatário da vila a ser fundada, cargo honorífico sem nenhuma implicação jurídica a não ser quando chegasse a Resende de que era donatário de Honra, ser recebido pela Câmara com honras a que tinha direito.

O Cel Fernando comandou uma Companhia do 2º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro (O Novo) que integrou o Exército Demarcador do Tratado de Madrid de 1750 no Rio Grande do Sul e que envolveu-se na Guerra Guaranítica 1752-59, em razão dos índios missioneiros, liderados por jesuitas haverem resistido a deixarem os Sete Povos, sob pressão dos exércitos de Portugal e Espanha. O cel Fernando, além do sacrifício de uma viagem Japeri-Resende, em rede, segundo João Maia, **“concorreu para a criação de Resende com todas as despesas e sem nenhuma humilhação aos**

resendenses” com os quais concorreu para a realização de seus sonhos de criação de uma vila. Ou seja, houve uma conciliação de interesses! O cel Fernando usando seu prestígio no governo no Rio reagiu e anulou interesses contrários a Resende de moradores de São João Marcos que alegavam ser **“Resende terreno cortado de rios caudalosos”** o que é falso escreveu o Cel Fernando ao vice rei e concluiu **“que honraria que lhe foi concedida em São João Marcos só lhe servia de desonra e inquietude por ser aquela freguesia um agregado de vadios e facinorosos”**. E assim ele consolidou Resende como vila, ao invés de São João Marcos, hoje sob as águas da represa do Ribeirão das Lajes. Fez jus ao título de Donatário de Honra! Mas ao que parece foi esquecido pelos resendenses e a sua condição de bisneto do bandeirante Fernão Dias Pais Leme, O fundador de Minas Gerais e de Garcia Rodrigues que abriu a ligação direta, por terra da Baía de Guanabara com Minas Gerais, conforme abordamos e **Caminhos históricos e estratégicos de penetração na vale do Paraíba paulista e fluminense**.

Resende da instalação aos nossos dias – um comentário breve

Ao ser instalado o município de Resende ele se constituía num enorme território. Em 17 out 1823 perdeu parte de suas terras para a formação de Valença. Em 23 out 1832 desmembrou a parte de suas terras que originaram Barra Mansa. Em 19 mai 1849 desmembrou terras para formar Rio Claro. Em data recente se desmembram de Resende os municípios de Itatiaia e Porto Real. Resende é sede de Comarca desde 1874.

Na fim do século XVIII teve início em Resende o Ciclo do Café no Brasil, coincidente com o término do Ciclo do Ouro em Minas Gerais, o que provocou intensa migração de mineiros para Resende. Com o esgotamento do Ciclo do Café em Resende, cérebros e capitais resendenses tirando proveito da ferrovia até Cachoeira Paulista migraram com a chamada **Caravana Pereira Barreto** em 1876, viajando por terra de Cachoeira-Jacareí, para atual e próspera região de Ribeirão Preto, cuja opulência ajudaram a construir e atendendo ao chamamento do Dr Luiz Pereira Barreto, o maior resendente nestes dois séculos de existência de Resende. Em Ribeirão Preto ele introduziu o café Borbon que desenvolvera na fazenda Monte Alegre de seu pai, em Vargem Grande, próxima da lavoura do padre Couto onde teve início o Ciclo do Café no Brasil. Café que fez a riqueza de São Paulo e resultado de uma mistura de café Libéria com a café comum.

O café trouxera grande prosperidade para Resende em seus primeiros tempos. Em 1822, cinco resendenses integraram a Guarda de Honra do Príncipe D. Pedro e o assistiram proclamar a Independência em 7 set 1822 e entre eles o mensageiro que foi enviado pela princesa D. Leopoldina ao encontro do Imperador para levar-lhe correspondência chegada de Portugal, cujo teor o levaram a proferir o Grito de Independência ou Morte. Em 1829 a Câmara de Resende liderou um proposta de se transformar em capital da Província Resende a ser criada e nela incluindo os atuais municípios vizinhos

de Minas, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1835 a Câmara de Resende criou a Santa Casa de Misericórdia, cuja história resgatamos. Em 13 jul 1848 Resende foi elevada a categoria de cidade. De cerca de 1876 – 1928, Resende por cerca de meio século ficou estagnada, situação da qual começou a sair com a abertura da Estrada Resende – Riachuelo, construída pelo resendense do século XX, o Eng Tácito Viana Rodrigues, centenário em 2001. Em seguida chegou a Resende em 1931, o Coronel José Pessoa com o projeto da AMAN, construída de 1938-43 e inaugurada em 20 março 1944. Empreendimento que ajudou aquele tempo a que Resende retomasse o caminho do progresso que desde então ela trilha com segurança crescente.

OS PURIS NA WIKIPÉDIA A ENCICLOPÉDIA LIVRE

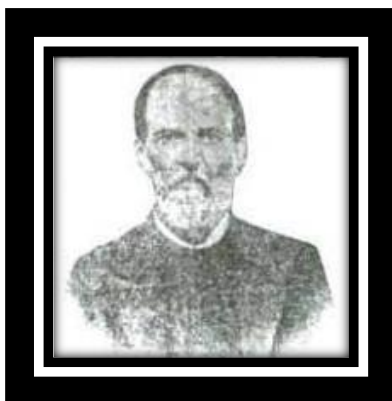
Segundo a Wikipédias a preciosa Enciclopédia disponível na rede mundial de computadores “Os índios Puris viviam originalmente no Litoral do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Hábeis pescadores, tiveram que se adaptar às regiões serranas a partir de 1500 em consequência da chegada dos portugueses, e a consequente escravização, se viram forçados a se acuar pelo interior do Brasil. E só conseguiram sobreviver devido à sua imersão em matas e serras de difícil acesso. Os Puris ficaram distribuídos em grupos desde o Rio Paraíba fluminense e paulista, penetrando na parte oriental de Minas Gerais, até o Espírito Santo. Os grupos Puris eram compostos por um chefe, por um pajé e homens e mulheres com funções distintas. O chefe era eleito pela astúcia, braveza e habilidades de guerreiro e não tinha poder efetivo sobre seu povo: Ao pajé se destinavam as tarefas religiosas e rituais de cura; aos homens cabiam a fabricação de armas, a caça e a guerra; as mulheres cuidavam da colheita, de recolher as caças abatidas e cuidar das vasilhas e demais utensílios usados na tribo. Eram polígamos. A sociedade indígena desta espécie não exercia a agricultura nem a navegação, retiravam da natureza seus meios de subsistência. Por isso, viviam em habitações provisórias como nômades. Até ao final do século XIX, conseguiram manter parte de sua cultura e costumes, alguns destes ainda preservados por descendentes dos indígenas. A história sempre tratou como extinta a cultura e o povo Puri. recentemente, pesquisadores, historiadores e descendentes buscam identificar grupos e pessoas que resistiram e guardaram de alguma forma a língua, a história, os costumes e outros saberes, além de marcarem presença no folclore e no imaginário religioso, como a Dança de Caboclo, era praticada pelos próprios índios Puris, com o passar do tempo e devido a uma forte perseguição à sua cultura, principalmente as de maior expressão, como as danças e outros rituais religiosos, foram sendo deixadas pelos seus últimos remanescentes, inibidos, e em alguns casos proibidos de cultuar e praticar seus costumes. Hoje, o folguedo é praticado, em memória aos Puris, por descendentes e remanescentes. Os Puris foram descritos como calmos e receptivos por alguns e valentes e armados, por outros, de fato, podemos perceber que o homem branco facilmente os combateu. Os brancos adentraram a mata fechada,

favorecendo embates entre os exploradores e os índios. Com a exploração das terras, o índio também foi empregado. Sabe-se que leis tratavam de impor que não fossem exterminados, mas como em toda história brasileira e, nesta região não seria diferente... Mas os Puris, como tantos outros povos, resistiram, alguns com mais sucesso que os outros. Ou seja: “índio bravo”, guerreiro, que não deixava se submeter e que atrapalhava a colonização e os “índios mansos”, aqueles que tinham atitudes amigáveis, em certa medida, o índio negociador, comportamento explicado pela própria necessidade da manutenção de sua sobrevivência, que no século XIX, seriam feitas com líderes locais, presidentes de provinciais e a coroa do novíssimo Império Brasileiro. Mas, bravo ou manso, exótico ou selvagem, esse índio era algo que atrapalhava a tal macha colonizadora, e o seu extermínio ou a sua assimilação, isto é, o seu completo desaparecimento, era algo inevitável, para muitos, e a saída para o crescimento do Império Brasileiro e suas províncias. Os Índios Puris eram de etnia bem diferente dos outros ameríndios que ocuparam a região litorânea da Província, não só no aspecto físico, mas também cultural, já que, sobretudo, falavam um dialeto do tronco lingüístico de origem macro-gê. Eles ocuparam nos setecentos uma extensa área da região do Vale do Paraíba, na Região de Campo Alegre da Paraíba Nova, a atual cidade de Resende. Os Puris no Vale do Paraíba A região conhecida como Campo Alegre no século no final do século XVIII era uma extensa área que ia da divisa da província de São Paulo onde hoje seria a cidade de Três Rios na confluência dos rios Paraíba, Paraíba do Sul e Rio Preto. Do Litoral em direção aos Sertões seriam seus limites segundo as fontes, a Serra do Mar e os limites da bacia do Rio Preto fronteira natural com a antiga Província das Minas Gerais, perfazendo a região que cobria todo o Sul do Vale do Paraíba Fluminense. Nesse período essa área ainda não estava totalmente ocupada pelas frentes coloniais, podendo ser caracterizada como uma fronteira aberta, ainda considerada “alto sertão”, ou como “sertão dos Índios bravos. Essa região dos Sertões era uma extensa área que, ainda no final do século XVIII, representava parte expressiva do território da antiga Capitânia do Rio de Janeiro. Essa área era caracterizada como um espaço de solidão, deserto ou sertão. Também era visitada por bandeirantes que a utilizavam como rota para as áreas produtoras de ouro nas Minas Gerais. Sempre ocorreu uma grande preocupação com a questão do contrabando de ouro no Brasil, a criação das casas de fundição e dos registros de ouro são fatos que comprovam esse cuidado. Em um relatório ao Conde de Resende, o Capitão Henrique José de Carvalho Queiros relata uma suposta descoberta de ouro na região. No próprio relatório ele afirma o indício de ouro ainda no reinado do Vice-Rei Conde do Cunha (1763 a 1767), e de vestígios de lavras antes da formação de povoados na região. Este seria um dos fatores que poderia explicar as primeiras levadas de povoadores e o aumento populacional na região, justificando sua elevação à Freguesia de N. S. da Conceição do Campo Alegre, pelo Alvará de 02 de janeiro de 1757¹⁰, hoje Município de Resende. Concentração populacional que

poderia ter ocorrido diante de uma ocupação de colonos atraídos pelo ouro e pelo comércio para abastecer os tropeiros e exploradores que passavam por Campo Alegre, além da necessidade de produção agrícola para atender a demanda de consumo das regiões produtoras de ouro das Minas Gerais. Esse processo de ocupação manteve-se até a metade dos oitocentos, o que levava ao aumento dos atritos com os silvícolas da região e que podemos considerar como um fator para a fundação do aldeamento de São Luis Beltrão nessa localização na capitania do Rio de Janeiro, assim como a proximidade com o Caminho Real, ou o Caminho velho do ouro. Os Puris sofrem a ação colonizadora na região por volta do século XVIII, com a expansão das fronteiras agrícolas do império Luso-brasileiro, ocasionando diversos conflitos na Região entre índios e Colonos, que como consequência a fundação do aldeamento de São Luis Beltrão, no qual esses índios foram reduzidos. No entanto, no meados do século XIX, essa etnia foi considerada extinta, desaparecendo dos documentos oficiais. A região que no século XIX, passou a sofrer de forma cada vez mais acentuada e sistemática do avanço das fronteiras agrícolas, levando a diminuição de sua área com a formação de outras freguesias, diminuição que não reduziu sua importância econômica e política, fato comprovado com a formação do município de Resende no antigo arraial e freguesia de Campo Alegre. O aumento populacional na região gerou também conflitos entre as diferentes etnias e também com os colonos. Os Puris foram obrigados a deixarem os sertões da Mantiqueira e deslocam-se até se estabelecerem na margem setentrional do Paraíba, a cinco léguas do Campo Alegre em um sítio chamado Minhocal, nas margens do Ribeirão São Luis, afluente do Rio Preto, onde por volta de 1780, começaram os ataques às fazendas. E com tantos conflitos com o cada vez mais foram empurrados em direção aos sertões, ficaria de forma oficial reduzido ao Aldeamento de São Luis Beltrão na fronteira com a província das Minas Gerais”.

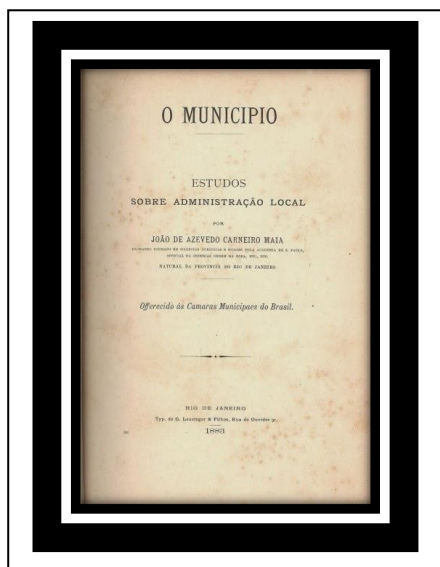
DR JOÃO DE AZEVEDO CARNEIRO MAIA (1820-1902)
O Patrono da Academia Resendense de História

Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento
Presidente emérito e fundador da ARDHIS e
acadêmico titular da Cadeira Conde de Resende



Dr João Carneiro de Azevedo Maia 1820-1902

Em 1992, há 30 anos, ao idealizarmos e fundarmos a Academia Resendense de História (ARDHIS). E, tendo por modelo a Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) que fundamos em Canguçu meu berço natal, em 13 de setembro de 1988. Ao procurarmos um patrono para ARDHIS, chegamos ao nome do Dr. João Maia (Dr. João de Azevedo Carneiro Maia), o primeiro historiador de Resende que se tem notícias e autor dos seguintes livros.



Noticias históricas e Estatísticas do Município de Resende publicado em 1891 e reeditado em 1986 como o nome de **Do descobrimento do Campo Alegre à criação da Vila de Resende**. Obra prefaciada pelo Cel Professor Ney Paulo Panizzuti, meu colega de turma, desde nossos tempos na Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre 1951-52 e da Turma Aspirante Mega – AMAN 15 fev 1955. Colega que traduziu para mim, do francês para o português, o relatório do Tenente General John Henrique Bohn, ao Vice-Rei, da conquista pelo Exército do Sul a seu comando, da Guerra da Reconquista do Rio Grande do Sul aos Espanhóis 1774-1776. Relatório que usei em meus dois livros sobre o assunto em 1996 e 2017, ambos disponíveis no Google. Cel Panizzuti, hoje nome da Biblioteca da AMAN, ao qual me coube falar sobre a sua vida e obra, em seu velório no hall do Teatro Presidente Emílio Garrastazu Médici. Livros que cobrem cerca de 150 anos da História de Resende. E mais o livro **O Município**, sua obra prima, publicado no Rio de Janeiro. Typografia G Leuzinger 1883. Livro que distribuí a diversos municípios brasileiros e que o consagrou como o Pai do Municipalismo Brasileiro.

Mas quem foi Dr João Maia? Foi um jurista, escritor, poeta e historiador brasileiro e cafeicultor, nascido em Resende no Império, em 11 de março de 1920, cerca de 2 anos e 3 meses da Proclamação de nossa Independência pelo Imperador D. Pedro I.

Nasceu na rua Independência, atual Rua D. João Maia, filho do casal Comendador Bento de Azevedo Maia e de D. Antônia Carneiro Maia.

Fez seus primeiros estudos em Resende. Aos 16 anos matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1843, quando ia acesa e viva a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul e fazia um ano que o Barão de Caxias havia pacificado as Revoluções de São Paulo e Minas Gerais.

Pacificações que contou com o concurso da Guarda Nacional de Resende, ao comando do Cel da Guarda Nacional Fabiano Pereira Barreto (1801-1872), pai do Dr. Luiz Pereira Barreto (1840-1923) considerado o resendense do século XIX.

O Dr. João Maia foi casado em primeiras núpcias 17 nov 1855, aos 35 anos, em Bananal, com D. Cândida de Almeida, filha do Comendador Luciano José de Almeida, político e grande fazendeiro de café, em Bananal, e de cujo consórcio tiveram 10 filhos. Ficando viúvo em 1872, casou em Resende em 16 maio 1873, aos 53 anos com D. Luiza de Almeida, de cujo consórcio nasceram 9 filhos. Um total de 19 filhos dos seus dois casamentos.

Em Resende, o Dr João Maia foi vereador de 1849-1852, juiz municipal 1864-1865, Presidente da Câmara Municipal de 1865-1868.

Nas oficinas do **Jornal Timburibá** editou o **Lenda do Timburibá**. Lenda que adaptamos a linguagem atual e foi publicada, com o concurso do acadêmico Cel Antônio Carlos Esteves pelas Faculdade D. Bosco e distribuída as escolas de Resende.

Foi redator do Jornal **Astro Resendense** de 1865-1869, período concidente com a Guerra da Tríplice Aliança contra Paraguai, para a qual Resende enviou 250 Voluntários da Pátria, que foram adestrados no Campo do Manejo de Tropas. Assunto abordado por Joaquim Maia, membro da Delegacia Barão Homem de Melo, da Academia Brasileira de História por nós fundada em 1979 e, na **Revista Cavalaria** nº especial dedicado ao Centenário de falecimento do General Osório. Assunto que abordamos na plaqueta **Resende História Militar (1744-2001)**, disponível em livros para abaixar no site www.ahimtb.org.br e no Google. Tema que foi abordado também pelo historiador resendense Julio Cesar Fidelis Soares, vice presidente da Academia Resendense de História.

Por serviços prestados ao Brasil na Guerra do Paraguai foi condecorada com o título de Oficial da Ordem da Rosa. O Dr João Maia foi eleito deputado provincial por São Paulo e Vice-governador da Província do Rio de Janeiro.

Sua obra prima foi em 1878, aos 58 anos, o livro **O Município**. Obra que consagrou como o Pai do Municipalismo Brasileiro. Obra que repercutiu em meu município natal Canguçu-RS, o qual, como Resende, tem como padroeira N.S da Conceição, também a padroeira do Exército Imperial do Brasil e hoje também do Brasil, por ser N.S. Aparecida, uma imagem de N.S da Conceição recuperada do fundo do rio Paraíba, na rede de pescadores. História de N.S da Conceição que resgato no triplice informativo **O Guararapes** da Academia de História Militar Terrestre do Brasil AHIMTB, **O Gaúcho**. do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e da **Memória**, da Academia Canguçuense

de História ACANDHIS, entidades por mim fundadas e presididas Triplice informativo lançado em Canguçu em 8 de Dezembro na inauguração do Monumento a N. S. da Conceição em Canguçu-RS e disponível em Livros e Plaquetas em Canguçu –RS no site www.ahimtb.org.br e Google. E em ambos como A História de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu.

O Dr. João Maia em seu livro o **Município** de projeção Nacional traçou um sistema de organização municipal. Indicou princípios para Reforma Constitucional de 1834 e as razões de direito público que deveriam ser estendidas, às câmaras municipais de vereadores, semelhantes aos poderes das assembleias provinciais. Seu livro o **Município** foi considerado um repositório de trabalhos relativos a evolução histórica do Município.

O Dr. João Maia estudou a vida municipal, na forma de comunas na Índia, antes do município romano. Aborda o Municipalismo em Roma e na Gália. E demonstra que as liberdades das comunas francesas resultaram do esforço delas e não de generosidade da realeza francesa. E aborda as comunas em outras comunidades da Europa e trata da fundação das primeiras vilas do Brasil. E acrescenta:

“O homem deve ser livre, no município livre.” E em toda a sua obra insistiu.

“As conquistas do povo não foram concessões e generosidades, mas fruto das lutas e sacrifícios das populações.”

Poeta, o Dr. João Maia escreveu em 27 de outubro de 1872, o poema **O Itatiaia e o Wagon**, alusivo a transposição do rio Paraíba pela primeira locomotiva. Poema transcrito em seu livro **Notícias Históricas e Estatísticas, do Município de Resende 1891**.

Segundo meu saudoso e querido amigo e como eu Oficial da Arma de Engenharia da Turma Eng AMAN 15 fev 1955, Cel Crysogono Cavalcanti, em seus estudos sobre a Educação em Resende registrou que em 1824 Resende solicitou ao Imperador D. Pedro I que criasse em Resende duas escolas de primeiras letras e uma aula de Latim. Esta teve como professor o padre Thomaz Portella.

Em 1º junho de 1911, há 110 ,anos foi criado o grupo Escola Dr. João de Azevedo Carneiro Maia. Em 15 de março de 1925, o Grupo Escolar Dr. João Maia foi alojado em seu prédio atual construído em terreno doado pelo Barão do Bananal Luiz da Rocha Miranda.

O Dr. João Maia liberal, republicano e abolicionista e orador inspirado e eloquente, faleceu em 2 de dezembro de 1902, com a idade de 82 anos, sendo sepultado no Cemitério do Senhor dos Passos, tendo sido sua sepultura reformada em 2002 no centenário de sua morte. O Dr João Maia Iniciou sua vida de advogado em Bananal. Sua obra **Notícias históricas e estatísticas do município de Resende, desde a sua fundação** foi publicada em 1891, quando tinha 71 anos e pela Typografia da Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro e reeditada em 1986 com a denominação de **Do descobrimento do**

Campo Alegre até a Criação da Vila de Resende, denominação que era o subtítulo da 1ª parte do livro original.

Em sua memória foi erigido seu busto na Praça da Matriz, defronte a escola que leva o seu nome. Escola onde estivemos a seu convite para proferir palestra a seus alunos sobre o Dr. João Maia.

Em São Paulo existe rua com o seu nome e em Itatiaia avenida com o seu nome.

Sacramento Blake em seu **Dicionário Bibliográfico Brasileiro** de 1896, do qual possuo exemplar assim refere ao Dr João Maia em seu volume III na página 333.

“João de Azevedo Carneiro Maia - Filho de Bento de Azevedo Maia. É bacharel formado em ciências jurídicas e sociais pela faculdade de São Paulo. Advogado na cidade de Resende donde é natural e escreveu:

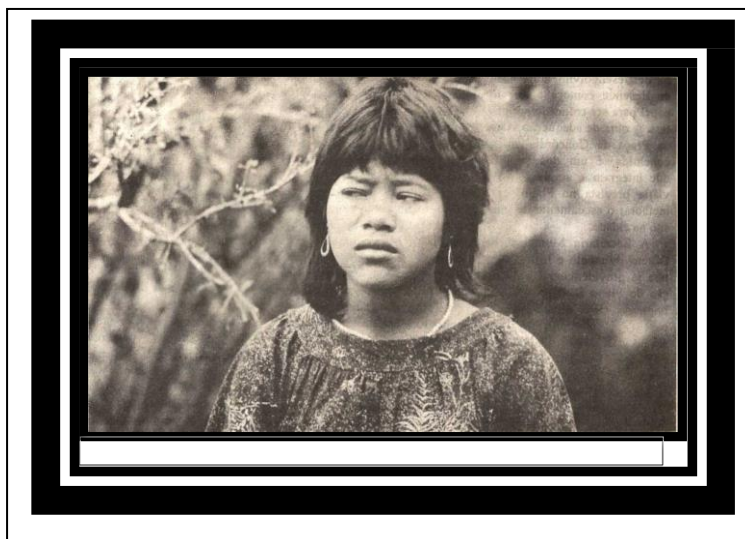
- **O Município**; estudos sobre a administração local, oferecido as câmaras municipais do Brasil. Rio de Janeiro, 1883.

- **Notícias históricas e estatísticas do município de Resende**. Rio de Janeiro, 1891, 439 páginas. Foi escrito este livro por incumbência da respectiva câmara municipal. Redigiu:

- **Astro Resendense**: periódico político, literário, industrial.

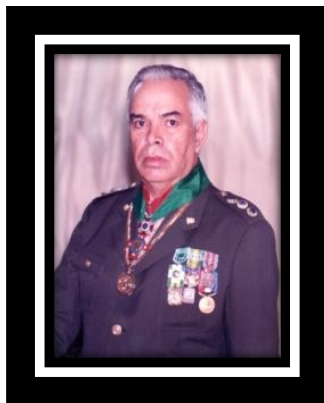
Sacramento Blake escritor e médico atuou como médico militar nas guerras contra Oribe e Rosas 1851-1852 e na Guerra do Paraguai.

JORNAL A LYRA, Resende, 29 de Setembro de 1993, no 195º aniversário da Criação de Resende, vila e município noticioso, Resende, 1866-1873, publicou nosso artigo.



India Puri descendente dos primeiros habitantes de Resende que inspiraram o Dr João Maia a escrever a lenda do Timburibá.

**CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA
BENTO**



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Turma Asp Mega Eng AMAN 1955. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. E autor de mais de 110 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Seu último livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petropolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra Os 78 anos da **Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançará seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Este ano completará 91 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil**

e militar não vivi em vão! Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170.Site www.ahimtb.org.br. E-mail bento1931@gmail.com Celular 24/999247757.